1ª Parte

Homenagem a Eduardo Campos

O SERTÃO VAI VIRAR MAR

Teatro de EDUARDO CAMPOS

Personagens: Mulher

Pedro

Homem

A iniciar-se o espetáculo, postada em cena uma série de utensílios domésticos: bacias, potes e canecos de transportar água, além de tonel, a imitar pipa, que se infere terem sido usados em dias melhores, montado no esqueleto da carroça, para conduzir maior quantidade de água.

No exato momento em que começa o espetáculo, o menino Pedro (não deve ter mais que dez anos) sugere estar a reclamar da Mulher (ao redor de 50 anos), que interpreta o papel de mãe, com repetidos gestos de mãos. Por um momento, sem que ambos falem, o jovem insiste em permutar o vasilhame (de menor tamanho que segura, por outro maior, enquanto a mulher dá a nítida impressão de oferecer resistência.

Mulher: Então compreende, menino teimoso, que você não pode carregar a vasilha maior para trazer a água de que precisamos? Pesa mais, não vê?!

Pedro: Mãe, eu sei, mas posso evitar duas, três viagens.... (insistindo) Aceite, Mãe, me deixe tentar!

Mãe: Olha, filho querido! (Estende o braço apontando ao derredor) Olha para essas vasilhas, conta quantos são os potes, os vasos, os alguidares...(pausa) Olha para ver bem, que tudo aqui, antes, esteve cheio de água... (Apontando) Aquela vasilha mais larga., adiante, era muito especial.(com sentimento) Nela ficava a água para o seu banho...

Pedro: E eu cabia nela, mãe?!

Mãe: Cabia, sim, que a esse tempo, tempo mais feliz, de abundancia, de ver-

des, você cabia também no meu regaço...(como se relembresse) Tão pequeno, tão frágil mas tão querido! (Pausa, noutro tom) E havia água...

Pedro: Quer dizer, Mãe, que tudo antes era diferente?

Mulher: (Suspirando, triste) Ah, e como! A pipa grande montada na carroça, puxada por burro, valia a todos... Trazia bastante água do rio para nós e os vizinhos mais pobres... (Pausadamente) Seu pai, meu finado marido, dava só duas viagens por semana indo até à margem do grande rio, que o seu avô chamava de **Jaguar**...

Pedro: O nome antigo do **Rio Jaguaribe**, não era?

Mulher: (sem dar atenção á pergunta do filho) Quando chovia esse rio descia da Serra da Joaninha, a água a alegrar a todos, correndo de barreira a barreira. (Ela vai-se entusiasmando, abrindo os braços, gesticulando, como se contasse um sonho. A tanto o menino larga a vasilha, arrega-se ao chão, de olhos voltados para a mãe) De cada lado do grande rio cresciam carnaubeiras, e em suas hastes, sopradas pelo vento, aprumavam-se cantando as graúnas... (Tom) A água, a abençoada água, farta, descia de longe e caminhava indo a todos os vãos e desvãos... E não tardava a própria caatinga, castigada pelo sol, retomar a cor antiga, enverdecer com as suas bonitas e perfumadas flores cortejadas pelas borboletas... (como em sonho) Até o ar tinha o sabor de água farta...

Pedro: Mãe, e era água mesmo?

Mulher: Água, sim, que chegava a todos os lugares, a encher os espaços mais fundos das várzeas, quando o rio enchia, a transbordar. E a refluir, para trás nos poços que se faziam demorava a vida, era a garantia de que não faltaria comida na panela dos pobres. Bonito de ver o que ficava pelos campos úmidos, a relva tentando altear-se, o chão pedindo semente, prometendo a messe por colher breve... (Tom) Não se falava em falta d'água...Os peixes podiam ser fígados a qualquer hora...

Pedro: Era a tal fartura de que falava o meu avô? Era?

Mulher: (como se não ouvisse o filho) Não faltava água na panela do cozido, nem na gamela para lavar a louça... De manhã, tinha-se ela fria para banhar

o rosto das criaturas. Tão bom! Água ao alcance da mão, que ao alcance do coração já estava. Água a custo zero, tão fácil de ser ursada por mim, por seu pai...

Pedro: E acabou, Mãe?

Mulher: (Retendo o entusiasmo, e em certo instante até parece que lhe falta a voz pois os gestos tendem a continuar narrando o que relembra a cheia de rio, a descida de águas do Rio Jaguaribe em direção ao mar...) Por que você me interrompeu? Por quê você fez isso com a sua mãe?

Pedro: (Como se chorasse) Era bom demais para ser verdadeiro! Desculpe, mãe... Vamos, faz de conta que não falei...

Mãe: (Percorrendo a cena, andando entre os potes, contemplando os pequenos vasos de barros ali deixados, sem mais serventia...) Todas essas coisas tiveram vida... O homem não inventou bacia, nem pote, nem tonel, que não fosse para guardar a desejada e necessária água... (Como se esquecesse de lembrar, de repente vem mais à frente do palco) Ninguém quis ouvir quando o cantador de feira dos sertões, vindo dos longes, das grandes distâncias, chegou até aqui dedilhando as cordas da viola, e anunciando que ouvira o poeta maior repetir mais uma vez:

“O Rio Jaguaribe é uma artéria aberta / por onde escorre / e se perde / o sangue do Ceará. / O mar não se tinga de vermelho / porque o sangue do Ceará é azul...”

Pedro: (demora um instante para falar) Mãe, isso que o cantador dizia era na verdade muito bonito! Artéria, não é o mesmo que veia, como a minha, que o enfermeiro do Serviço de Saúde quase não achou quando eu tremia de febre e ele veio da grande cidade me fazer uma injeção?

Mulher: Isso mesmo... (Recordando) Em tempo de eu mocinha, ia com as outras primas, tão jovens como eu, em bando alegre, tomar banho de rio... (com entusiasmo)E vinha escorrendo o rio, água... quanta, quanta!

Pedro: Tinha tanta assim?

Mulher: E como era bonito ver a paisagem .(Pausa. O.T.) Desse modo era como se víssemos a natureza num quadro de pintura, num cartão postal de saudade... Por todos os lados, em todo o universos, as plantas, as grandes árvores se vestindo outra vez de verde... AH, nada mais belo que o verde chegando às plantas, fazendo viçoso o que parecia já sem vida... O nosso santo vigário da paróquia dizia que isso era paisagem....

Pedro: (percebendo que ela parou de falar) Conta mais, mãe...

Mulher: Sim, e eu então (Vai prosseguindo e pára) Espere, você está querendo é ficar ao pé de mim, deixar passar o tempo, não ir buscar a água...

Pedro: Isso não, mãe!... Acho tão bonito a senhora falar no passado, nas coisas que já existiram, nessa tal fartura... (sai andando em direção a determinado ponto, no fundo do palco) Aqui ficava o poço, não era? O poço do qual o pai pegava a boa água de beber, não era? (A mulher aquiesce com um gesto triste de cabeça). Bem que eu podia tentar descer até lá embaixo, tentar cavar mais, tentar....Aí então, a toda certeza, seria capaz de encontrar novamente água....

Mulher: (como movida por uma mola, ágil) Afasta daí, filho querido! Sai, sai! ... Vem estar perto de mim, que já chega, chega de uma vez por todas o maldito acidente que me fez viúva a um repente...

Pedro: (atarantado, sem compreender direito) Que foi, mãe?

Mulher: Esse é outra história mas muito triste....(depois de um momento) Aí nesse poço o seu pai descia todos os dias para apanhar a água de beber... Água clara, limpa, como a de coco verde... (Pausa) Ele sempre em procura dela, e a água sumindo, negaceando, afastando, fugindo... Até parecia brincadeira de esconde-esconde...(calou-se)

Pedro: (curioso) Então foi aí, foi?

Mulher: (depois de um momento, pesarosa) Foi. (Pausa. Tom de dor) Seu pai querendo tornar mais fundo o poço, abrir mais o chão para a água se despaçar livre, desembaraçada....(Pausa, outro tom, a proteger os ouvidos com as mãos) Juro, parece que está acontecendo exatamente nesse momento. Houve um barulho, espécie de baque, pancada surda... Ainda gritei: “Marido? O que

foi isso, homem de Deus !?” E deixei a cozinha, voando, à pressa, para olhar e ver o que havia acontecido...E tinha. Aquela coisa indesejável chamada de-sastre acontecera... (Grave) A borda de um dos lados do poço desabara sobre o seu pai...

Pedro: E eu chorei, mãe? Diz, e eu fiquei aflito?

Mulher: Não, meu filho, anjos não choram, nem os que estão para nascer. (visivelmente querendo mudar de assunto) Anda, anda, vai pegar a água, senão não tenho como botar o feijão no fogo.

Pedro: (espera um pouco antes de falar) Mas a senhora tem de concordar que eu posso levar comigo a vasilha maior...(pausa)... ou...

Mulher: Ou o quê?

Pedro: (apontando o carrinho de transportar água, que está posto a um lado) Lá, aquele!

Mulher: Não, não, não, senhor... Já lhe disse mais de uma vez, que você não sabe mexer nisso, ajustar na trave a lata d'água, não, não... (Pausa) Além do mais estão por lá os outros de maior idade do que você... Vão querer correr, fazer aposta...

Pedro: (decidido) Mãe, eu já sou homem. No sertão menino sem pai vira homem antes de tempo. (vai resoluto até o artefato de madeira e o segura firme) Vá olhando, mãe, vá vendo! O homem da casa agora sou eu... (A

Mulher diz frases mais ou menos assim: “Nem sei se devia...” - “Faça isso, não!”, enquanto Pedro segue, como se fora um adulto, colocando o pau de sustentação, como deve ficar; uma das extremidades montada sobre a roda guia, a outra pousada no próprio ombro. Com habilidade o menino em seguida encaixa a lata de querosene pendurada na travessa de madeira, e com o artefato armado, desse modo, vê-se apto a praticar o trabalho. Começa então a se movimentar em cena.) Veja, como sei fazer! É fácil! Agora posso trazer mais água de uma só caminhada...(principia a andar com o improvisado cambão, mostrando saber utilizar o artefato para transportar mais água. A Mulher vai-lhe atrás, e a um certo momento dá a entender ao espectador a intenção

de obstar a ação do filho, mas logo vai tomando outra forma, pois, a pouco a pouco ganha parte ativa em fingida perseguição ao filho, como se ambos empreendessem um jogo lúdico. A tanto Pedro segue fazendo zig-zag com o carrinho, como se intentasse fugir à mãe, e a Mulher atrás dele, ora ficando para trás, ora o alcançando com as mãos o casaco, ou o próprio corpo... E já agora riem os dois, para em seguida se largarem ao chão fingindo cansaço, o que fazem às gargalhadas.)

Pedro: (vitorioso) Não lhe dizia, mãe?

Mulher: (voltando a ser menos benevolente com ele) Não, não tem graça não...

Pedro: (eufórico) Mas a senhora gostou, até brincou comigo, não foi?

Mulher: Isso é que não posso esconder...(olhando fixamente para diante, em direção à platéia) Você está enxergando o que estou vendo?

Pedro: (dirigindo o rosto para a platéia) Onde, mãe?

Mãe....: Lá, bem adiante...Vem um homem em nossa direção... Traz a tiracolo um violão...(pausa.e passado breve instante) E vem de longe, está cansado...

Mulher: Eu bem sabia... Os mais velhos comentavam cheios de esperança que o mestre ia voltar com boas notícias.. Agora, dá para perceber. É o violeiro, o cantador de feira. Anda de cidade em cidade alegrando o povo com boas novas...

Pedro: Tem jeito de pobre mas a presença é de um doutor...

Mulher: Homem de muita ciência, que Deus o valha sempre assim, esperto e andando. Sabe falar com o coração, pois tudo que diz a gente entende...

Homem: (sai da platéia em direção ao palco, como decidido; tipo sertanejo, vestido modestamente mas com dignidade; cobre a cabeça com um chapéu-de-couro, de vaqueiro. Já descoberto, à vista de todos).Ora, bons olhos vejam os dois cheios de saúde! Demorei, mas voltei... (À Mulher) Fico feliz em saber que a grande dor pela qual a senhora passou, já desapareceu... O menino

cresceu, ainda que nesse mundo que nos faz caminhar com tantos embaraços, tanta falta de amor à natureza....(vai falando assim, enquanto sobe ao palco pela frente que depara a platéia e toma lugar em banco que deve estar em local central) Senhora dona, coisa triste é o mundo sem água. Sem ela é como estar o ninho sem palha para esquentar e salvar o passarinho novo... (depõe o violão sobre as próprias pernas, carinhosamente)

Mulher: O senhor vivia repetindo o poeta *“O Rio Jaguaribe é uma artéria aberta / por onde escorre / e se perde / o sangue do Ceará. / O mar não se tingi de vermelho / porque o sangue do Ceará é azul...”*

Homem: Era desse modo como anunciava o poeta maior da capital, o mestre Demócrito Rocha...E o sangue se foi, desapareceu...

Quando o Governo tentou salvar, barrando o rio, já estava tudo mais difícil....

Mulher: Mas fizeram o Orós, o Castanhão, não fizeram? Foi como me contaram uns ciganos desamparados que passaram por aqui. (Tom) É água que parece não vai acabar nunca...

Homem: Mas o muito que o homem propõe ainda é pouco para ele próprio destruir...

Pedro: O mestre me desculpe, mas minha mãe dizia que o senhor ia trazer boas novas...

Homem: (após admirar a curiosidade do Menino) Sim, mas as más também nos perseguem... O mundo está virando um grande rio seco... Não adiante esconder a cabeça no chão, como a avestruz, para fugir ao inimigo... É preciso ver, e ver enquanto ainda há tempo de consertar os dismantelos do mundo...

Mulher: (Curiosa) Mestre, será que num mundo desses ainda correm boas notícias?

Homem:Preciso me levantar, ficar de pé, para falar...(tom) Correm. (pausa, olhando primeiro para a Mulher e depois para Pedro; e em seguida para os telespectadores) A esperança, dizemos nós, é a última coisa que morre no cristão

.(pausa) Hoje eu chego aqui como general vitorioso depois de grande batalha: (peremptório) “O sertão vai virar mar” ...

Mulher: (surpresa) Ah, bem diziam os mais velhos, os nossos antepassados.... Estava na profecia...

Pedro: Passou aqui um vendedor de romance de cordel dizendo isso...

Mulher (curiosa): Mestre, é o Rio São Francisco , o rio que nasce nas Minas, na tal Serra da Canastra, que agora vai posto no rumo da nossa terra, e depois de subir o Cariri, de lá começará a descer em direção a esse nosso sertão queimado pelo sol, e que chora à falta d'água?

Homem: (como não se preocupasse com o que acabam de mencionar os dois) O certo agora é que demorou mas afinal aconteceu: o sertão vai virar mar. Não me perguntem como, mas vai... E as águas vão vir de longe, da floresta da Amazônia... Lá, contam os livros de ciência, é a moradia das águas do mundo. Ninguém tem mais fartura dela, ninguém...(pausa) Escutem, escutem e ouçam também com o coração! (ouvem-se vozes cantando, não bem definidas as palavras; pode provir de coro ao vivo, ou de vozes em gravação; as palavras bem marcadas., em cadência, dessa vez afirmativamente)

Coro: O- ser tão- vai- virar- mar
O- ser-t-ão vai- virar- mar

Pedro: (Admirado, como se contemplasse multidão) Deus, quanta gente!

Mulher: É ver o nosso povo dando graças, em procissão!

Mestre: (De voz forte, altanada) A procissão das águas! Vem gente de longe formando um rio que agora achando insuficiente o leito em que corre, vai-se alargando, transborda, e dar de subir nas barreiras, a engrossar, pulsando vivo, caudal atochado de pessoas.

Coro: O-ser-tão-vai-virar-mar
O-ser-tão-vai-virar-mar

Homem: (como se convocasse não apenas Pedro e a Mulher, mas todo o auditório) Unamo-nos todos! Brademos em altas-vozes: O-ser-tão-vai-virar- mar.

(Cresce o Coro, forte, em harmonia com os personagens. A impressão a ser sugerida pela direção através da técnica é a de que águas do Amazonas se desatam ali, em torrente, provocando ruidosa cachoeira...) Se houver água, nós haveremos de sobreviver! (o palco vai escurecendo, enquanto cresce o ruído da água, a figurar efeito de música sinfônica acompanhada dos que cantam)

Coro: O-ser-tão-vai-virar-mar

O-ser-tão-vai-virar-mar